

SAÚDE BUCAL DE PILOTOS DE AUTOMOBILISMO NO BRASIL: UM ESTUDO DESCRITIVO

HUGO DA COSTA PANTOJA¹; GABRIEL ROBE²; KAUÊ COLLARES³;
MARCOS BRITTO CORREA⁴.

¹ Universidade Federal de Pelotas – hugopantojaneto@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – gabrielrobe35@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – marcosbrittocorrea@hotmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – kauecollares@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O automobilismo é praticado há muitos anos, porém apenas em 2011 foi reconhecido como modalidade esportiva pelo Comitê Olímpico Internacional (SOUZA, 2020). Ainda existem poucas informações na literatura sobre automobilismo de forma geral, principalmente sobre a saúde bucal desses atletas, mas é evidente o desgaste físico que os pilotos sofrem durante as corridas. Geralmente, os membros superiores, cabeça e pescoço são os mais afetados devido às grandes forças gravitacionais que são submetidas, além de suportar temperaturas elevadas entre 50°C e 60°C (GOBATTO, 2000).

Atualmente, não se pode mais ignorar a influência da odontologia no rendimento de atletas profissionais. Essa importância começou há muito tempo, quando em 1958 a delegação brasileira de futebol levou para a disputa de uma Copa do Mundo um dentista em sua equipe médica (NAMBA et al. 2016). Porém, no Brasil, apenas recentemente a odontologia do esporte foi reconhecida como especialidade odontológica, por meio da Resolução CFO 160/2015 (Conselho Federal de Odontologia, 2015). Problemas de saúde bucal podem prejudicar o desempenho de atletas, tais como a presença de focos infecciosos, perda dentária, maloclusões severas, erosão causada por uso indiscriminado de isotônicos, respiração bucal, halitose, distúrbios temporomandibulares e traumatismo dentário. (DE ASSIS, 2013).

Outro problema bucal que está presente no cotidiano dos atletas é o bruxismo (PEREIRA, 2018). O bruxismo é definido como uma atividade repetitiva da musculatura mandibular (ARMM) caracterizada pelo apertar ou ranger dos dentes e/ou pela retrusão ou propulsão da mandíbula que de acordo com sua manifestação circadiana, pode ser definido como bruxismo do sono (BS) ou bruxismo de vigília (BV) (LOBBEZOO et al., 2013). Um dos fatores etiológicos para é o estresse, sentimento que os atletas com uma rotina exacerbada de treinamento acabam sofrendo, o que acarreta uma predisposição em desenvolver bruxismo (PEREIRA, 2018). Segundo um estudo realizado com 86 atletas de 6 modalidades esportivas e de 5 países diferentes, foi verificada uma prevalência de 30% de bruxismo (PEREIRA, 2018). Esse distúrbio acaba prejudicando o sono dos atletas e a capacidade termorreguladora, a qual também está ligada com a qualidade do sono (RODRIGUES et al. 2004). Isso para pilotos de automobilismo, que enfrentam elevadas temperaturas no cockpit - local onde se aloja os pilotos durante as corridas -, pode afetar seu desempenho durante uma prova. Além disso, o bruxismo causa desgaste dentário, assim como o uso indiscriminado de isotônicos - hábito muito comum na vida desses atletas -, por meio da erosão dentária (ED).

A ED é definida como perda progressiva e irreversível de estrutura dental provocada por processos químicos que não envolvam ação bacteriana (DE SOUZA, 2017). A ED é associada a vários fatores de risco, temos como exemplos distúrbios alimentares, uso de medicação e alterações sistêmicas (LUSSI, 2008). Outro fator determinante é o consumo excessivo de bebidas e alimentos com pH baixo e a atividade profissional em ambientes ácidos (GRIPPO et al. 2004).

Os esportistas estão sujeitos a um maior número de fatores de risco combinados, se comparado com o restante da população (HARPENAU et al. 2011). Entretanto, até o presente momento não há trabalhos publicados relacionados à saúde bucal de pilotos de automobilismo. Considerando as particularidades dos pilotos de automobilismo dentre os atletas, o conhecimento de aspectos relacionados a saúde bucal desta população é fundamental para que o cirurgião dentista do esporte possa planejar o atendimento destes atletas de forma direcionada às suas especificidades.

Diante do exposto, o presente trabalho objetivou avaliar as condições de saúde bucal em pilotos de automobilismo de velocidade no Brasil, bem como o impacto das condições de saúde na rotina diária desses pilotos.

2. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo observacional transversal descritivo. O estudo envolveu os pilotos das categorias do automobilismo de velocidade no Brasil, vinculados à Confederação Brasileira de Automobilismo.

O automobilismo de velocidade é composto por 9 categorias no Brasil. Destas, pilotos de 7 categorias foram convidados a participar do estudo: Stock Car Pro Series, Stock Series, Porsche Cup, Copa Truck, Copa Shell HB20, Endurance Brasil e Turismo Nacional. Os pilotos das categorias F4 Brasil e Turismo 1.4 não foram convidados por serem, na sua maioria, menores de idade. A partir da lista de pilotos inscritos em cada categoria, foram feitos contatos por meio de perfis em redes sociais e grupos de pilotos no WhatsApp, a fim de convidá-los a participar do estudo.

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPel previamente à sua realização. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participar do projeto.

Um questionário autoaplicável foi desenvolvido para avaliar condições de saúde bucal e seus impactos na performance dos pilotos. O questionário foi construído no formato de formulários do Google. A coleta de dados foi feita através do preenchimento do questionário enviado eletronicamente aos participantes. O questionário foi composto por 33 perguntas e organizado em 4 blocos: perfil sociodemográfico (n=4); características da prática esportiva (n=3); ocorrência de traumatismos orofaciais e métodos preventivos (n=6); condições de saúde bucal e impacto na performance. Características sociodemográficas e referentes à prática do automobilismo também foram avaliadas. Os dados foram analisados de forma descritiva, considerando as frequências relativas e absolutas das variáveis de interesse e seus intervalos de confiança de 95%.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 157 pilotos de um total de 384 (www.cba.org.br) das 7 principais categorias de automobilismo no Brasil, que responderam à

pesquisa no período de 14 de julho a 12 de novembro de 2022, apresentando uma taxa de resposta de 40,9%.

Entre os respondentes, 156 (99,4%) eram do sexo masculino. A média de idade dos pilotos foi de 38,7 anos. A maioria dos pilotos competiam em apenas uma categoria (83,3%). Mais da metade dos pilotos (69,2%) praticava o esporte há mais de 10 anos. Menos da metade (41,0%) recebia retorno financeiro para pilotar e a maioria dos pilotos (71,1%) não considerava o automobilismo sua principal fonte de renda. Um em cada quatro pilotos dedicava pelo menos 12 horas/semana ao automobilismo.

Em relação as características de saúde bucal, 85,3% tiveram sua última consulta com dentista há menos de um ano. A maioria (75,0%) das visitas foram por motivo de consulta de rotina/check up, 11,5% por estética e apenas 3,2% por dor. Cerca de 82,0% relataram nunca ter recebido instruções do dentista para cuidados odontológicos específicos relacionados a sua modalidade esportiva. Quanto à autopercepção de saúde bucal, mais da metade (89,9%) considerava sua saúde boa ou muito boa. Aproximadamente 78% relataram acreditar que a saúde bucal pode influenciar no desempenho durante treinos e competições. Mais de três quartos dos pilotos alegou não ter tido influência da saúde bucal no seu desempenho durante treinos e competições nos últimos 12 meses (80,8%). Apenas 3,2% deixaram de realizar alguma atividade profissional por problemas em seus dentes, boca ou gengiva. Nos últimos 6 meses 12,2% dos pilotos relataram ter tido dor de dente.

Em relação à prevalência de fraturas ósseas e dentárias, 98,8% nunca fraturou osso da face ou cabeça durante treinos ou competições. Em relação a fratura, deslocamento ou perda de elemento dentário durante treinos ou competições, apenas 4,5% alegam ter acontecido pelo menos 1 vez.

Sobre a orientação e o uso de protetores bucais, 67,3% nunca receberam informações sobre protetores bucais e 88,5% nunca usaram protetor bucal em treinos ou corridas. O maior motivo para não usar o protetor bucal é por não ter sido indicado, segundo 68,1% dos atletas.

Em relação aos 30 dias anteriores, 17,9% apresentaram dor na região da mandíbula ou região temporal, e 18,6% dor ou rigidez na mandíbula ao acordar. A prevalência de dor na região da mandíbula ou região temporal em qualquer um dos lados ao mastigar alimentos duros ou consistentes foi de 14,1% e 17,3% ao abrir/movimentar a boca. Cerca de 38 % relataram interferência do hábito de manter os dentes juntos, apertar ou ranger os dentes, ou mastigar chiclete, 15,4% ao falar, beijar, bocejar. Ainda, 41,7% relataram a percepção de ranger/encostar os dentes ou apertar os maxilares durante o dia. Quase um quinto (17,8%) dos pilotos entrevistados apresentaram dor na articulação temporomandibular.

O uso de isotônico é muito presente entre os pilotos, quase 90% relataram o consumo de isotônicos, sendo que 22,8% consomem frequentemente. No que se refere a prevalência de xerostomia, 7,1% frequentemente sentem a boca seca durante o dia. Entretanto, durante as competições, 22,4 % sentem frequentemente.

4. CONCLUSÕES

A partir do presente estudo, foi possível observar que pilotos de automobilismo possuem boa saúde bucal autorreferida. Entretanto, apresentam problemas relacionados a disfunções temporomandibulares e ao consumo de isotônicos. Assim, percebe-se a importância da atuação do dentista na prevenção

e promoção da saúde bucal nessa população, considerando suas singularidades. Por fim, sugerem-se novos estudos abrangendo uma amostra maior de pilotos, bem como a utilização de exames bucais, com intuito de enriquecer a temática abordada, ampliando o conhecimento sobre a saúde bucal na população de pilotos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, L. C. M. **O marketing esportivo no automobilismo a importância do marketing esportivo no processo de construção da carreira de um piloto no kart. 2006.** Monografia (Trabalho conclusão de curso) Curso de comunicação social em marketing esportivo, Centro Universitário de Brasília.

DE ASSIS, C. Os rumos da Odontologia do esporte no Brasil. **Revista brasileira de odontologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 2, p. 160-4 jul./dez. 2013.

DE SOUZA, B. C. A odontologia do esporte no automobilismo. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR** Vol.30,n.1,p.31-35, mar./mai. 2020

DE SOUZA, B. C. Erosão dentária em paciente atleta: artigo de revisão. **Revista Brasileira de Odontologia**, v. 74, n. 2, p. 155, 2017.

GOBATTO, C. A.; MENDONCA, E.R.; MATSUSHIGUE, K. A.. Respostas do lactato sanguíneo e da frequência cardíaca em duas diferentes provas do automobilismo. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói , v. 6, n. 1, p. 29-34, Feb. 2000.

GRIPPO, J. O.; SIMRING, M.; SCHREINER, S.. Attrition, abrasion, corrosion and abfraction revisited: a new perspective on tooth surface lesions. **The Journal of the American Dental Association**, v. 135, n. 8, p. 1109-1118, 2004.

HARPENAU, L. A.; NOBLE, W. H.; KAO, R. T. Diagnosis and management of dental wear. **Journal of the California Dental Association**, v. 39, n. 4, p. 225-231, 2011.

LOBBEZOO, F. et al. Bruxism defined and graded: an international consensus. **Journal of oral rehabilitation**, v. 40, n. 1, p. 2-4, 2013.

PEREIRA, K. S. Bruxismo do sono e acordado, stress e o desempenho de atletas. **Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Desportivo. 2018.**

RODRIGUES, L. O. C; MAGALHÃES, F.C. Automobilismo: no calor da competição. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói , v. 10, n. 3, p. 212-215, 2004.